



O FEMINISMO SALVA: LUZ, CÂMERA E RESISTÊNCIA

Katia Maria Belisário – UnB

Almerinda Vasconcelos – UnB

Janaína Carvalho Simões Patriota – PUCRS

Grupo de Trabalho: GT 2 – Democracia, Conjuntura Política, Sofrimento e Resistências

RESUMO:

O presente artigo tem o objetivo de analisar o posicionamento ideológico à esquerda e à direita da influenciadora digital Cíntia Chagas, diante da violência doméstica sofrida por ela. Chagas, que se declara conservadora e de direita, foi vítima de violência doméstica cometida pelo seu ex-marido, o deputado Lucas Bove, vice-líder do Partido Liberal (PL) na Assembleia Legislativa de São Paulo - Alesp. Com 7,6 milhões de seguidores em seu Instagram, ela afirma ter agora compreendido a importância do feminismo e reconhece o acolhimento da Bancada Feminista da esquerda na Alesp. As questões de pesquisa são: como se posiciona uma mulher conservadora de direita frente ao patriarcado e à violência doméstica? Qual a importância do feminismo para salvar mulheres em episódios de violência doméstica? Para a análise política recorreremos aos autores Miguel (2021); Rodrigues & Costa (2022) e Sena & Aquino (2021). O processo metodológico inclui a análise de conteúdo proposta por Bardin (1988) no período entre julho de 2022, ano eleitoral e do pedido de casamento em setembro, até o reconhecimento do feminismo e do apoio da esquerda, postado, em outubro de 2025. Foram ao todo 84 postagens avaliadas e os resultados mostram uma mudança radical na percepção da influenciadora de direita, que reconhece agora que o feminismo salva vidas e usa sua influência para estimular a denúncia da violência doméstica por mulheres.

Palavras-chave: Violência Doméstica, Feminismo, Antifeminismo, Posicionamento Esquerda e Direita, Influenciadora Cintia Chagas.

1. INTRODUÇÃO

A influenciadora digital Cíntia Chagas, declaradamente de direita, conservadora e antifeminista, prestou queixa de violência doméstica na Justiça de São Paulo contra o ex-marido, o deputado Lucas Bove, vice-líder do Partido Liberal (PL) na Assembleia Legislativa de São Paulo (Alesp). Ela relatou abusos físicos e psicológicos sofridos durante o relacionamento de mais de dois anos com o parlamentar (G1, 10/10/2024).



Tendo em vista a grande quantidade de seguidores de Cíntia, hoje com 7,7 milhões no Instagram, o debate público sobre a questão veio à tona com força. Muitas pessoas, inclusive mulheres, colocaram em dúvida sua palavra, enquanto outras a acolheram. Parlamentares mulheres do Partido dos Trabalhadores (PT) e do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) da Alesp pediram a cassação do mandato do parlamentar por violência doméstica, mas o processo foi arquivado no Conselho de Ética.

Recentemente, Chagas postou um vídeo em agradecimento à jornalista Mariliz Pereira Jorge. Mariliz escreveu o artigo “A influenciadora Cintia Chagas entendeu o que é feminismo”, publicado na Folha de S. Paulo. Cintia se desculpou e reconheceu a necessidade de ser mais clara e transparente. Afirmou que de fato: “(...) algo mudou quando eu senti na pele e na mente o machismo outrora apregoado por mim, apregoado pelas minhas falas”. Agradeceu ao movimento feminista, ao feminismo, e a todas que lutam pelos direitos das mulheres. Ressaltou “a luta contra a violência doméstica precisa ser soberana; precisa estar acima de nós” e “que possamos nos unir para que nenhuma mulher mais neste país apanhe”.

No final de outubro, o Ministério Público do Estado de São Paulo (MPSP) pediu a prisão preventiva do deputado estadual por descumprimento das medidas protetivas.

Com base neste episódio de violência doméstica sofrido por uma figura pública - e os desdobramentos e a ampla visibilidade que a luz e a câmera da influencer puderam trazer a uma causa tão relevante - julgamos oportuno abordarmos o tema

Assim, o objetivo deste artigo é analisar a situação de violência doméstica contra a mulher no país e os posicionamentos à esquerda e à direita diante desses casos. As questões de pesquisa são: como se posicionam mulheres conservadoras de direita frente ao patriarcado e à violência doméstica? Qual a importância do feminismo após episódios de violência sofridos?

O processo metodológico baseia-se na análise de conteúdo proposta por Bardin (1988), a partir da categorização e interpretação das postagens da influenciadora, que será aprofundado no item 3.



2. REFERENCIAL TEÓRICO

Na revisão de literatura, analisamos em profundidade a Lei Maria da Penha, destacando seu papel central no enfrentamento à violência doméstica e na consolidação dos direitos das mulheres no Brasil.

No campo da política, recorremos a Sena (2021), que pontua que pesquisar “mulheres das direitas” no país implica considerar uma variedade de conceitos, tais como direita, extrema-direita, nova direita, conservadorismo e neoconservadorismo. “Nesse sentido, utilizar as definições de direita como referência a uma direita tradicional e neoconservadorismo como uma direita moralizante, reativa e ofensiva parece ser um ponto de partida interessante para futuras classificações” (SENA, 2021, p. 51).

Luiz Felipe Miguel (2021) destaca que, “para a nova direita que divulga o medo do ‘marxismo cultural’, os movimentos feminista, negro e LGBT seriam parceiros ou instrumentos na estratégia de subversão da ordem vigente levada a cabo pelo comunismo mundial” (MIGUEL, 2021, p. 5). Nesse sentido, como argumentam Sena e Aquino (2021), a crítica antifeminista busca proteger a família tradicional e concebe as feministas como uma ameaça, opostas às chamadas “mulheres de verdade”.

Rodrigues e Costa (2022) apontam que mulheres bolsonaristas perpetuam o patriarcado e reproduzem discursos de opressão em defesa de uma agenda antifeminista.

Para analisar o patriarcado, recorremos à pesquisadora brasileira Heleieth Saffioti (2004). Para ela, a posição ocupada pela mulher na família patriarcal está associada à sexualidade e à reprodução, e “as violências física, sexual, emocional e moral não ocorrem isoladamente. Qualquer que seja a forma assumida pela agressão, a violência emocional está sempre presente” (SAFFIOTI, 2004, p. 79). A autora acrescenta que “a morte representa a última instância da violência, a retirada da autonomia por completo” (SAFFIOTI, 2004).



3. METODOLOGIA

A metodologia usada neste artigo é a análise de conteúdo do Instagram da influenciadora de julho de 2022 a outubro de 2025. Parte-se do posicionamento político dela em um ano eleitoral, pelo pedido de casamento feito a ela pelo deputado estadual, até o reconhecimento da importância do feminismo e do acolhimento da esquerda - postado por Chagas em outubro de 2025. Para a análise será usada a proposta de Laurence Bardin (1988). A pesquisadora estruturou o método de análise de conteúdo em etapas 1) Organização; 2) Codificação; 3) Categorização; 4) Inferência; 5) Tratamento informático.

Foram avaliadas 84 postagens do Instagram da influenciadora @cintiachagas. Dessa forma, após selecionadas e organizadas, as postagens foram codificadas em quadro contendo: Data da Postagem; Posição à Direita; Posição à Esquerda; Falas da Influencer Cíntia Chagas. Para a análise das postagens no período entre 3/7/2022 e 24/10/2025, foram criadas as seguintes categorias de análise: 1) Posicionamento Político; 2) Casamento, Sonhos Femininos, Tradição e Família; 3) Antifeminismo, 4) Feminismo.

4. RESULTADOS/DISCUSSÃO

No posicionamento político, constata-se que @cintiachagas utilizou seu Instagram - e, conseqüentemente, seu capital social de 7 milhões de seguidores àquele momento – em benefício da campanha política de Jair Bolsonaro. As mulheres conservadoras e neoconservadoras tendem a alinhar-se ao bolsonarismo, como constata Ramos (2023). No ano eleitoral de 2022, a influenciadora entrevistou personalidades alinhadas à extrema-direita tais como os deputados Nikolas Ferreira(PL/MG e Bia Kicis(PL/DF), a vereadora Zoé Martínez (de origem cubana) e o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas. Essas participações consolidam seu alinhamento político.

Ao final do mesmo ano e durante todo o ano de 2023, ela retomou sua fala rotineira, centrada no combate ao uso da linguagem neutra. Com efeito, “para a nova direita que divulga o medo do ‘marxismo cultural’, os movimentos feminista, negro e LGBT seriam parceiros ou instrumentos na estratégia de



subversão da ordem vigente levada a cabo pelo comunismo mundial” (Miguel 2021, p.5).

Na categoria “Casamento e Sonhos Femininos, Tradição e Família”, observase a publicação de vídeo do pedido de casamento, na qual Cíntia chama o noivo de “príncipe” – expressão típica de narrativas românticas tradicionais e conservadoras.

Na categoria antifeminismo, @cintiachagas encarna a visão de Rodrigues & Costa (2022) de que mulheres bolsonaristas perpetuam o patriarcado e reproduzem discursos de opressão e em defesa de uma agenda antifeminista. Identifica as professoras, as feministas, as pessoas transgêneras como inimigos; defende a submissão da mulher ao seu marido. Seu discurso é centrado no homem. Enxerga a sororidade como pauta de esquerda, hipócrita e que prestigia apenas aqueles que estão vinculados a esse movimento.

Na categoria Feminismo e Pautas Feministas, observa-se uma mudança radical após a agressão que a influenciadora sofreu, advinda do, agora, ex-marido. Destaca que a feminista está mais preparada para lidar com o agressor. A partir daí, concede mais visibilidade ao tema violência doméstica e às mulheres que a enfrentam. Insiste para que não se calem já que o silêncio protege os agressores.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões traçadas a partir do caso de violência doméstica envolvendo a influenciadora Cíntia Chagas, com mais de 7 milhões de seguidores demonstram que, embora o país disponha de um instrumento legal avançado para a proteção das mulheres, a violência de gênero persiste como fenômeno estrutural, independente de classe social, reproduzido nos discursos, nas instituições e nas relações sociais.

A visibilidade concedida ao episódio analisado - protagonizado por uma figura pública, declaradamente conservadora e de direita, detentora de elevado capital social - lança luz quanto às contradições de uma sociedade que ainda questiona da palavra mulher em situação de violência, enquanto se firma em polarização política que incita discursos de ódio e inviabiliza a conscientização e



o efetivo enfrentamento da violência que pode atingir qualquer mulher. Nesse contexto, o movimento feminista reafirma sua relevância ética e política, ultrapassando barreiras ideológicas e reafirmando-se como força indispensável à defesa da vida e da dignidade das mulheres.

REFERÊNCIAS

G1. **Influenciadora acusa deputado Lucas Bove por violência doméstica; Justiça de SP concede medida protetiva.** Disponível em <https://g1.globo.com/sp/saopaulo/noticia/2024/10/10/influenciadora-acusa-deputado-bolsonarista-lucas-bovepor-violencia-domestica-justica-de-sp-concede-medida-protetiva.ghtml>. Acesso em 10/10/2025.

MIGUEL, Luis Felipe. O mito da — ideologia de gênero — no discurso da extrema direita brasileira. **Cadernos Pagu**, n.62, p.1-14, 2021.

RAMOS, Nayra Thamires Alves. **Mulheres de direita**: conservadorismos e suas representações no parlamento. 2023. Dissertação (Mestrado em Ciência Política), Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília, p. 239. 2023.

RODRIGUES, Ana Livia; COSTA, Ramayana. Mulheres ultraconservadoras: elementos para uma reflexão feminista. **Revista de Ciências Sociais**, v. 53, n. 1, p. 97-141, 2022.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SENA, Nicole Brito de; AQUINO, Jakson Alves de. “Femininas e Bolsogatas”: conservadorismo e adesão de mulheres ao bolsonarismo. *Revista Política Hoje*, v. 30, n. 2, p.97-116, 2021. SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 63, p. 237-280, out. 2002.